

IDENTIFICAÇÃO DOS ESTILOS PARENTAIS CORRELACIONADOS ÀS HABILIDADES SOCIAIS DOS EDUCANDOS DE UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PELO ESPORTE

Daiane Rayzer da Cruz¹
Scheila Beatriz Sehnem²

RESUMO

Habilidades sociais aplicam-se às diferentes classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo, que contribuem para a competência social, favorecendo um relacionamento saudável e produtivo com as pessoas. Estilo parental caracteriza a forma como os pais lidam com as questões de poder e hierarquia na relação com os filhos e as posições que adotam frente aos problemas disciplinares, ao controle do comportamento e à tomada de decisões. Essa pesquisa é um estudo exploratório que correlaciona os achados de pesquisa prévia de habilidades sociais, na qual se aplicou o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) nos educandos, com o estilo parental de seus genitores. Assim, o presente estudo realiza o entendimento da composição familiar dos educandos, em seguida, revisita os resultados destes quanto ao repertório de habilidades sociais, para realizar posterior correlação com os achados do Inventário de Estilo Parental (IEP). Participaram da pesquisa oito educandos do Programa Campeões da Vida do Instituto Guga Kuerten respondentes da primeira pesquisa de habilidades sociais e remanescentes no núcleo de Campos Novos, SC. Os resultados indicam que o desenvolvimento de habilidades sociais pode ter influência do estilo parental adotado pelos pais, todavia, ao longo do desenvolvimento, outros referenciais surgem na vida da criança que podem contribuir para o desenvolvimento de suas habilidades sociais. O estudo sugere o treinamento de habilidades sociais e de práticas educativas na população estudada. Palavras-chave: Habilidades sociais. Estilo parental. Família.

1 INTRODUÇÃO

Ao estudar ambos os temas, habilidades sociais e estilos parentais, resta o questionamento do quanto as práticas educativas influenciam no desenvolvimento das habilidades sociais. Pesquisas têm sido realizadas no sentido de demonstrar a importância das práticas parentais para o desenvolvimento infantil, incluindo a aquisição de habilidades sociais.

O desenvolvimento de um amplo repertório de habilidades sociais acarretará relações futuras mais saudáveis e conseqüente menor risco de rejeição por seus pares, indicando que crianças com habilidades sociais mais desenvolvidas na educação infantil apresentarão menos problemas emocionais e de comportamento, melhor relacionamento interpessoal e melhor desempenho, indicando tais habilidades como fator de prevenção ou diminuição de comportamentos problemáticos e antissociais (BOLSONI-SILVA; MURTARANO; FREIRIA, 2010; GONÇALVES; MURTA, 2008; BANDEIRA et al., 2006).

As práticas utilizadas pelos pais vão se delineando no que se definem estilos parentais. “Na literatura vigente, estilo parental é o conjunto de atitudes dos pais para com a criança, o qual define o

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; pós-graduanda em Avaliação Psicológica e Diagnóstico pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; daia_rayzer@hotmail.com

² Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Professora titular no Curso de Psicologia da Unoesc de Joaçaba; scheila.sehnem@unoesc.edu.br

clima emocional em que se expressam as várias práticas parentais.” (DARLING; STEINBERG, 1993 apud OLIVEIRA et al., 2002).

A importância dos pais para a aquisição de habilidades sociais tem sido demonstrada em alguns estudos, o estilo familiar, o sistema de crenças, os valores e o modo como o adolescente percebe e dá significado a esses aspectos são elementos que têm impacto importante no desenvolvimento dessas habilidades. (ARÓN; MILICIC, 1994 apud PACHECO; TEIXEIRA; GOMES, 1999).

Por outro lado, o indivíduo tem na família a base do seu desenvolvimento social (KAPLAN; SADOCK, 1991, 1993; LEWIS; WOLKMAR, 1990, 1993; WAGNER; FLACKE; MEZA, 1997 apud PACHECO; TEIXEIRA; GOMES, 1999).

A partir da verificação da importância da correlação habilidades sociais e estilos parentais e do entendimento desses aspectos na educação das crianças e adolescentes, foram sujeitos deste estudo oito educandos do Programa Campeões da Vida do Instituto Guga Kuerten, os quais responderam ao Inventário de Habilidades Sociais (IHS) em pesquisa previamente realizada por Cruz e Sehnem (2013) e respondem nesta ao Inventário de Estilos Parentais (IEP) a fim de verificar correlações de ambas as teorias e nortear as práticas educativas dos educadores do programa com base nos resultados da pesquisa.

Assim, no presente estudo realiza-se o entendimento da composição familiar dos educandos. Em seguida, revisitam-se os resultados destes quanto ao repertório de habilidades sociais para realizar posterior correlação com os achados do IEP.

1.1 FAMÍLIA

Buscando a avaliação de estilos parentais, faz-se necessário o entendimento do conceito de família, tão comum de ser abordado, mesmo em assuntos cotidianos e no senso comum, porém, ainda assim, de tão complexa descrição, pela necessidade de esta abarcar todo o seu significado e simbologia, abrangência e importância em diferentes âmbitos, sociais, desenvolvimentais e educacionais, considerando, ainda, as mudanças ao longo dos anos.

“Dizer que a família é a unidade básica da interação social talvez seja a forma mais genérica e sintética de enunciá-la; mas obviamente não basta para situá-la como agrupamento humano no contexto histórico-evolutivo do processo civilizatório.” (OSÓRIO, 2002, p. 14).

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2008, p. 236), a família é uma instituição social que a partir da segunda metade do século XX passou a sofrer mudanças aceleradas em sua estrutura, organização e funções de seus membros. Somam-se ao modelo tradicional inúmeros outros, não sendo possível afirmar se melhores ou piores, porém diferentes entre si.

Os autores supracitados apontam, ainda, que o modelo de pai, mãe e prole vigente até certo tempo era considerado ideal pelo modo dominante de pensar da sociedade, o qual considerava os demais modelos como desestruturados, desorganizados e problemáticos, por meio de um julgamento não científico, mas moralista, pois utiliza apenas um padrão como referência e considera os outros modelos inadequados.

Para Osório (2002, p. 13), família não é um conceito unívoco, não é uma expressão passível de conceituação, mas tão somente de descrições; assim, para o autor, é possível escrever as várias estruturas ou modalidades assumidas pela família através dos tempos, mas não se pode defini-la ou encontrar algum elemento comum a todas as formas com que esse agrupamento humano se apresenta.

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2008, p. 237), basta atualizar-se dos estudos antropológicos, ou mesmo de reportagens, para perceber que existem muitas formas de estruturas familiares: a família de pais separados que realizam novas uniões das quais resulta uma convivência entre filhos dos casa-

mentos atuais e anteriores; a família chefiada pela mulher, a nuclear, a extensa, a homossexual, observando-se uma infinidade de tipos que a cultura e os novos padrões de relações humanas produzem.

Osório (2002, p. 21) reitera que a incidência de separações conjugais no mundo ocidental as retiraram da condição de exceção para colocá-las como ocorrência frequente; elas vêm sendo as responsáveis pela emergência de uma mutação familiar, qual seja o surgimento de famílias reconstruídas que trazem uma nova realidade vivencial e o estabelecimento de vínculos que não estão prefigurados na família de corte tradicional, seja ela nuclear, extensa ou abrangente.

Família é uma unidade grupal na qual se desenvolvem três tipos de relações pessoais – aliança (casal), filiação (pais e filhos) e consanguinidade (irmãos) – e que, a partir dos objetivos genéricos de preservar a espécie, nutrir e proteger a descendência e fornecer-lhe condições para a aquisição de suas identidades pessoais, desenvolveu através dos tempos funções diversificadas de transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais. (OSÓRIO, 2002, p. 15).

Bock, Furtado e Teixeira (2008, p. 238) ainda destacam que a “família é responsável pela sobrevivência física e psíquica das crianças, constituindo-se o primeiro grupo de mediação do indivíduo.”

“[...] os pais influenciam e, em certa medida, determinam o comportamento dos filhos, a conduta destes igualmente modifica e condiciona a atitude dos pais.” (OSÓRIO, 2002, p. 21).

Fica evidenciada a importância da família, sobretudo no entendimento desta como primeiro grupo social de um indivíduo e de sua influência nas relações posteriores a este.

1.2 HABILIDADES SOCIAIS

São encontrados na literatura diferentes conceitos de habilidades sociais que expressam sua relevância e abrangência enquanto teoria e prática.

Caballo (1986 apud CABALLO, 2012, p. 6) descreve um comportamento socialmente hábil como um conjunto de comportamentos emitidos em contexto interpessoal que expressa sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos de maneira adequada à situação, resolvendo problemas e minimizando probabilidade de ocorrência futura destes.

Del Prette e Del Prette (2011, p. 31), de forma mais abrangente e evidenciando aspectos relacionais, entendem que o termo habilidades sociais “[...] aplica-se às diferentes classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo, que contribuem para a competência social, favorecendo um relacionamento saudável e produtivo com as demais pessoas.”

Percebe-se, dessa forma, a correlação das habilidades sociais com desempenho, interação social, qualidade de vida e a expectativa que as demais pessoas possuem quanto ao comportamento social de outrem, de acordo com os aspectos culturais e sociais que permeiam as relações sociais.

Gonçalves e Murta (2008, p. 430) indicam que “[...] um repertório social empobrecido pode constituir em um sintoma ou correlato de problemas psicológicos, podendo se expressar como dificuldades interpessoais na infância.”

Os estudos sobre os efeitos negativos da baixa competência social mostram que ela pode se constituir em um sintoma de transtornos psicológicos, como parte dos efeitos de vários transtornos e, ainda, como sinais de alerta para eventuais problemas em ciclos posteriores do desenvolvimento (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011, p. 18).

Em virtude da associação de problemas psicológicos com repertório social empobrecido e das repercussões na vida adulta, é importante a percepção do papel das habilidades sociais na infância, fase importante no desenvolvimento de habilidades sociais.

A criança é exposta a inúmeros desafios e demandas que podem ser evidenciados, sobretudo, na entrada para a escola, onde ela é apresentada a exigências maiores e onde há grande necessidade de adaptação a regras sociais. Del Prette e Del Prette (1999, p. 21) apontam que em razão do exposto este se transforma em um período crítico para o desenvolvimento de habilidades sociais, pois a criança é testada continuamente nas habilidades sociais aprendidas até aquele momento e porque, como consequência das novas demandas, ela percebe que precisa aprender novas habilidades nas interações sociais.

Caballo (2012, p. 9) define que não há dados definitivos de como e quando ocorre a aprendizagem das habilidades sociais, mas concorda com Del Prette e Del Prette (1999), quanto a não haver dúvidas de que a infância é um período crítico. Para o autor, as crianças podem nascer com uma tendência temperamental (considerando os polos extremos inibição e espontaneidade) cuja manifestação comportamental estaria relacionada com a tendência fisiológica herdada que mediará a forma de responder. Assim, as primeiras experiências da aprendizagem interagiriam com predisposições biológicas, determinando, dessa forma, certos padrões relativamente consistentes de funcionamento social.

Evidencia-se a importância do desenvolvimento de habilidades sociais desde a infância como fator preventivo de comportamentos desadaptativos na vida adulta.

1.3 ESTILOS PARENTAIS

Desde seu nascimento e à medida que uma criança cresce, esta requer dos pais práticas adequadas que visem a seu desenvolvimento físico e emocional. Cabe aos pais buscar as formas mais adequadas para a educação dos filhos, mas o senso comum, bem como a ampla variedade de técnicas, por vezes confundem e angustiam aos pais, que imersos em dúvidas, acabam por cometer equívocos.

Gomide (2003 p. 21) aponta que “os pais procuram direcionar o comportamento dos filhos no sentido de seguir certos princípios morais e adquirir uma ampla gama de comportamentos que garantam independência, autonomia e responsabilidade [...]”

As crianças ainda não possuem capacidade de definir o que é certo ou errado, e é por meio da disciplina, que “refere-se aos métodos de moldar o caráter e ensinar autocontrole e comportamento aceitável” (PAPALIA, FELDMAN, 2013, p. 301), que as crianças vão se adequando e emitindo comportamentos socialmente aceitáveis.

“A introdução da disciplina na vida da criança envolve um contexto de interação entre pais e filhos em que a criança começa a ser confrontada com as regras e padrões morais da sociedade através das práticas educativas parentais.” (HOFFMANN, 1960b apud GOMIDE, 2003, p. 21).

Nesse sentido, pesquisa-se uma ampla variedade de técnicas de disciplina descritas por Papalia e Feldman (2013, p. 301):

Reforço e punição: entende-se que as crianças aprendem mais tendo reforço para um bom comportamento do que com a punição. Tais reforços externos podem ser tangíveis (divertimentos, mais horas de brincadeira), ou intangíveis (um sorriso, um elogio, um abraço, mais atenção, ou um privilégio especial). A criança precisa vê-lo como uma recompensa e recebê-lo depois da emissão de um comportamento desejado, o qual deve fornecer um reforço interno: uma sensação de prazer ou de realização.

As autoras ainda definem que há momentos em que se faz necessário punir, com isolamento ou negação de privilégios, quando, por exemplo, a atitude da criança leva a riscos a ela ou a outros ou quando a criança é intencionalmente desafiadora; em tais situações, se a punição for coerente, imediata e nitidamente associada à ofensa, poderá ser eficaz. Deverá ser administrada com calma, em particular e com o intuito de induzir obediência, e não culpa. É mais eficiente quando acompanhada por breve e sim-

ples explicação (AAP COMMITTEE ON PSYCHOSOCIAL ASPECTS OF CHILD AND FAMILY HEALTH, 1998; BAUMRIND, 1996a, 1996b apud PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 301).

A punição muito severa pode ser prejudicial. As crianças podem ver intenções hostis onde não existe (WEISS et al., 1992 apud PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 301), podem agir com agressividade (NIX et al., 1999 apud PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 301) ou podem tornar-se passivas por sentirem-se desamparadas. As crianças podem ficar amedrontadas se os pais perdem o controle e podem eventualmente evitar o pai punitivo, destruindo a capacidade deste de influenciar o comportamento (GRUSEC; GOODNOW, 1994 apud PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 301).

As autoras ainda descrevem o raciocínio indutivo, afirmação de poder e retirada do amor: o raciocínio indutivo se utiliza das técnicas indutivas, que são técnicas disciplinares destinadas a induzir o comportamento desejável por apelo à racionalidade e ao senso de justiça da criança, ou seja, estabelecer limites, demonstrar as consequências lógicas de uma ação, explicar, discutir, negociar e obter ideias da criança sobre o que é justo. A afirmação de poder visa interromper ou desencorajar o comportamento indesejável por meio de aplicação física ou verbal do controle parental, que inclui exigências, ameaças, retiradas de privilégios, palmadas e outros. A retirada do amor pode incluir ignorar, isolar ou mostrar desagrado por uma criança. As práticas de afirmação de poder e retirada do amor não são tão eficazes quanto o raciocínio indutivo e podem ser prejudiciais (HOFFMAN, 1970a, 1970b; JAGERS et al., 1996; MCCORD, 1996 apud PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 302).

Para Papalia e Feldman (2013 p. 302), a eficácia da disciplina depende do quanto a criança aceita a mensagem parental, cognitiva e emocionalmente. Para isso, é preciso que a reconheça como apropriada, portanto, os pais precisam ser justos, precisos, objetivos e coerentes.

O estilo parental caracteriza a forma como os pais lidam com as questões de poder e hierarquia na relação com os filhos e as posições que adotam frente aos problemas disciplinares, ao controle do comportamento e à tomada de decisões (HENNIGEN, 1994 apud PACHECO; TEIXEIRA; GOMES, 1999).

Darling e Steinberg (1993 apud WEBER; BRANDENBURG; VIEZZER, 2003) explicam a diferença entre “estilo” e “prática” parentais. O estilo refere-se a um padrão de comportamento parental expresso dentro de um clima emocional criado pelo conjunto de atitudes dos pais que inclui as práticas parentais e outros aspectos da interação pais e filhos, como tom de voz, linguagem corporal, descuido e mudança de humor. Já as práticas parentais correspondem a comportamentos com conteúdos específicos e com objetivos de socialização. As práticas são apenas estratégias com o objetivo de suprimir comportamentos considerados inadequados ou de incentivar a ocorrência de comportamentos adequados (ALVARENGA, 2001 apud WEBER; BRANDENBURG; VIEZZER, 2003).

Os estilos parentais propostos por Baumrind e pelo extenso corpo de pesquisas que inspirou são descritos por Papalia e Feldman (2013, p. 303) como:

- a) parentalidade autoritária: enfatiza controle e obediência sem questionamentos. Pais autoritários buscam conformar a criança dentro de um padrão estabelecido de conduta, punindo-a arbitrariamente e com rigor se violar esse padrão. São mais impessoais e menos carinhosos, os filhos têm tendência a descontentamento, retraimento e desconfiança;
- b) parentalidade permissiva: enfatiza a autoexpressão e a autorregulação. Pais permissivos fazem poucas exigências, permitindo aos filhos a automonitoração de suas atividades. No caso de necessitar criar regras, explicam aos filhos os motivos, consultam as crianças sobre decisões e raramente punem. São carinhosos, não controladores e não exigentes. Os filhos, quando na pré-escola, tendem a ser imaturos, apresentam pouco autocontrole e pouca curiosidade exploratória;

- c) parentalidade democrática: enfatiza a individualidade da criança, contudo, impondo restrições sociais. Pais democráticos confiam em sua própria capacidade de orientar os filhos, respeitando, porém, as decisões independentes, os interesses, as opiniões e a personalidade da criança. São tolerantes e amorosos, mas também exigem bom comportamento e são firmes para manter padrões. Impõem punições limitadas e criteriosas quando necessário, dentro do contexto de um relacionamento carinhoso e apoiador, dando preferência à disciplina indutiva, explicando o raciocínio por trás de sua posição e encorajando o diálogo. Os filhos aparentemente se sentem seguros em saber que são amados e também o que se espera deles. Crianças em idade pré-escolar com pais democráticos tendem a ser as mais autoconfiantes, autocontroladas, autoafirmativas, exploradoras e satisfeitas.

As bases e teorias que fundamentam as práticas educativas parentais e seus efeitos estão agrupadas sob diferentes nomes na literatura; Gomide (2003, p. 21) buscou, em estudo sobre Estilos Parentais e Comportamento Antissocial, agrupá-las em dois grandes grupos: as que envolvem comportamento pró-social, e as que implicam comportamentos antissociais. Logo, as práticas educativas podem desenvolver tanto comportamentos pró-sociais quanto antissociais, dependendo da frequência e da intensidade que o casal parental utiliza determinadas estratégias educativas. É o resultado do uso desse conjunto de práticas que se denomina Estilo Parental.

Gomide (2003, p. 23) descreve as práticas educativas positivas como:

- a) monitoria positiva: “envolve o uso adequado da atenção e distribuição de privilégios, o adequado estabelecimento de regras, a distribuição contínua e segura de afeto, o acompanhamento e supervisão das atividades escolares e de lazer”;
- b) comportamento moral: “implica o desenvolvimento de empatia, do senso de justiça, da responsabilidade, do trabalho, da generosidade e do conhecimento do certo e errado quanto ao uso de drogas e álcool e sexo seguro, sempre seguido de exemplo dos pais.”

As práticas educativas negativas são descritas como:

- a) negligência: “ausência de atenção e afeto”;
- b) abuso físico e psicológico: “caracterizado pela disciplina através de práticas corporais negativas, ameaça ou chantagem de abandono e humilhação do filho”;
- c) disciplina relaxada: “compreende o relaxamento de regras estabelecidas”;
- d) punição inconsistente: “os pais se orientam pelo seu humor na hora de punir ou reforçar e não pelo ato praticado”;
- e) monitoria negativa: “caracterizada pelo excesso de instruções independentemente do seu cumprimento e consequentemente pela geração de um ambiente de convivência hostil.”

Tais práticas educativas serviram de base para a formulação pela autora do Inventário de Estilos Parentais (IEP), no qual se identificam famílias em que há probabilidade de desenvolvimento de comportamentos antissociais, sendo possível que os filhos respondam sobre as práticas educativas dos pais e que os pais respondam sobre suas práticas educativas.

Instrumentos como esse são importantes no estudo da maneira utilizada pelos pais na educação dos filhos.

Verifica-se que se torna importante para os pais o entendimento das práticas educativas e o reconhecimento das práticas que utilizam, objetivando a promoção do desenvolvimento saudável dos filhos e a emissão de comportamentos reconhecidamente adequados por estes.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo exploratório foi eleito para a presente pesquisa. Segundo Gil (1999, p. 43), “[...] as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis em estudos posteriores.”

Os educandos do programa de educação pelo esporte Campeões da Vida do Instituto Guga Kuernten, respondentes do Inventário de Habilidades Sociais na pesquisa Avaliação do Repertório de Habilidades Sociais de Crianças em um Programa de Educação pelo Esporte (CRUZ; SEHNEM 2013), responderam para este estudo ao Inventário de Estilos Parentais (IEP) a fim de correlacionar os dados de ambas as pesquisas.

Permanecem no programa oito educandos dos 20 respondentes naquele ano. Estes responderam perguntas relacionadas às práticas educativas parentais de seus genitores ou apenas um desses, de acordo com a sua composição familiar.

Tabela 1 – Dados sociodemográficos dos educandos

| Idade | Total de educandos | Sexo | |
|-------|--------------------|----------|-----------|
| | | Feminino | Masculino |
| 9 | 1 | 1 | - |
| 10 | 2 | 1 | 1 |
| 11 | 2 | 1 | 1 |
| 12 | 1 | - | 1 |
| 13 | 2 | 1 | 1 |
| Total | 8 | 4 | 4 |

Fonte: os autores.

Tabela 2 – Responsáveis pelos educandos*

| Educando | Responsáveis | Ocupações | |
|----------|----------------|-----------------|-------------------|
| | | Feminino | Masculino |
| E1 | Mãe e pai | Serviços gerais | Trabalhador rural |
| E2 | Mãe e pai | Serviços gerais | Aposentado |
| E3 | Mãe e padrasto | Diarista | Pedreiro |
| E4 | Mãe e padrasto | Do lar | Trabalhador rural |
| E5 | Mãe e pai | Do lar | Trabalhador rural |
| E6 | Mãe e pai | Do lar | Trabalhador rural |
| E7 | Avó e avô | Aposentado | Costureira |
| E8 | Mãe | Do lar | - |

Fonte: os autores.

Nota: * quem os educandos definiram para responder as perguntas sobre os estilos parentais.

Os educandos E5 e E6 são irmãos, assim como E7 e E8, no entanto, os dois últimos consideram seus responsáveis de formas distintas, de acordo com a convivência, já que residem no mesmo local com a mãe e os avós.

O instrumento utilizado para a avaliação das práticas educativas parentais foi o Inventário de Estilos Parentais (IEP), que contém 42 questões que correspondem a sete práticas educativas. Para cada prática educativa foram elaboradas seis questões distribuídas ao longo do inventário, sendo duas positivas: monitoria positiva e comportamento moral, e cinco negativas: punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico, referentes às práticas educativas realizadas pelos genitores.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O nível de habilidades sociais dos educandos do Programa Campeões da Vida foi analisado por meio dos resultados obtidos em pesquisa anterior, na qual se utilizou o inventário de habilidades sociais para crianças. Foram avaliadas as respostas acerca da frequência da emissão de comportamentos socialmente habilidosos, por meio de autoavaliação em 21 situações em que há a demanda de um comportamento socialmente habilidoso e três reações possíveis: habilidosa (que denota assertividade, empatia, expressão de sentimentos positivos ou negativos de forma apropriada, civilidade), não habilidosa passiva (que demonstra esquivar ou fuga em vez de enfrentamento) e não habilidosa ativa (que demonstra agressividade, ironia e autoritarismo) (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2002).

3.1 NÍVEL DE HABILIDADE SOCIAL

Durante pesquisa de avaliação do repertório de habilidades sociais realizada por Cruz e Sehnem (2013) com os educandos, buscou-se o nível de habilidade social destes na dimensão comportamental, que se refere à frequência da emissão do comportamento, ou seja, quantas vezes o educando entende que emite a reação demonstrada e cognitiva que se refere à adequação, ou seja, quanto o educando entende aquela reação como correta e adequada. Afim de correlacionar esses dados com os obtidos na atual pesquisa quanto ao estilo parental dos genitores dos educandos, foram utilizados apenas os dados da emissão dos comportamentos habilidosos, ou seja, com que frequência o educando se comporta de maneira assertiva diante das situações.

Reações habilidosas são entendidas por Del Prette e Del Prette (2005, p. 21) como comportamentos apresentados pela pessoa para lidar com as demandas interativas do seu ambiente que contribuem para a competência social por sua coerência entre comportamentos abertos e encobertos, adequação às demandas e consequências obtidas.

Tabela 3 – Reações habilidosas entre os educandos

| Reações habilidosas | |
|----------------------------|---|
| Abaixo da média | 5 |
| Média | 3 |
| Acima da média | 0 |

Fonte: Cruz e Sehnem (2013).

Percebe-se a baixa emissão de comportamentos habilidosos pelos educandos, visto que o melhor resultado entre eles foi a frequência mediana de respostas habilidosas por três educandos; os demais estão abaixo da média na emissão de respostas. Tal constatação já chamou atenção na pesquisa realizada com os 20 educandos, de onde vêm os dados desta pesquisa. Evidenciando-se a correlação dos resultados com a vulnerabilidade social e econômica vivenciada pelos educandos, estando tais resultados consonantes se relacionados à importância da questão socioeconômica no desenvolvimento da compe-

tência social, conforme Swick e Hassel (1990) Saunder e Green (1993 apud DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999, p. 20), têm sido reconhecidos como importantes fatores da competência social da criança as práticas e os valores parentais e o background cultural e socioeconômico familiar.

3.2 ESTILO PARENTAL

No que se refere ao estilo parental, para esta análise consideraram-se os resultados obtidos na aplicação do Inventário de Estilos Parentais (GOMIDE, 2006) realizada com os educandos que permaneceram no programa em 2015, quando estes responderam sobre as práticas parentais. Considera-se ótimo o estilo parental no qual há presença marcante das práticas parentais positivas e ausência das negativas. No regular, há duas situações: acima da média, quando se sugere leitura de livros de orientação de pais para aprimoramento das práticas parentais; e abaixo da média, quando se aconselha participação em grupos de treinamento de pais. E ainda o estilo parental de risco, para o qual se aconselha participação em grupos de intervenção terapêutica, em grupo, de casal, ou individualmente, especialmente desenvolvidos para pais com dificuldades em práticas educativas, nos quais possam ser enfocadas as consequências do uso de práticas negativas em detrimento das positivas. Na Tabela 4 apresentam-se os resultados obtidos na aplicação.

Tabela 4 – Estilos parentais

| | Estilo Parental | | |
|-------------------------|-----------------|---------|-------|
| | Materno | Paterno | Total |
| De risco | 2 | 2 | 4 |
| Regular abaixo da média | 3 | 2 | 5 |
| Regular acima da média | 2 | 3 | 5 |
| Ótimo | 1 | - | 1 |
| Total | 8 | 7 | 15 |

Fonte: os autores.

Analisando os resultados do estilo parental, percebe-se que a maior parte dos resultados é regular – acima da média (5) e abaixo da média (5) –, quatro são considerados de risco, e apenas um educando responde às ações da sua genitora, de maneira que pode ser considerado um estilo parental ótimo.

3.3 HABILIDADES SOCIAIS E ESTILOS PARENTAIS

Apresentam-se no Quadro 1 os resultados da frequência de reações habilidosas pelos educandos, correlacionadas ao estilo parental de seus responsáveis. Vale ressaltar que cada educando respondeu a respeito da(s) pessoa(s) que considera seu(s) responsável(is), conforme a Tabela 2.

Quadro 1 – Frequência de reações habilidosas

| Educando | Reação habilidosa | Estilo parental materno | Estilo parental paterno |
|----------|-------------------|-------------------------|-------------------------|
| E1 | Média | Regular abaixo da média | De risco |
| E2 | Abaixo da média | Regular abaixo da média | Regular acima da média |
| E3 | Abaixo da média | Regular abaixo da média | Regular acima da média |
| E4 | Abaixo da média | Regular acima da média | Regular abaixo da média |
| E5 | Abaixo da média | De risco | Regular abaixo da média |
| E6 | Abaixo da média | Ótimo | Regular acima da média |
| E7 | Média | De risco | De risco |
| E8 | Média | Regular acima da média | -- |

Fonte: os autores.

Conforme se percebe, os resultados variam, sendo em sua maioria abaixo da média nas habilidades sociais e regular nos estilos parentais.

Entre os educandos com resultados medianos (o melhor encontrado entre eles quanto às habilidades sociais), percebe-se estilo parental de risco nos avós de E7, e regular acima da média na mãe de E8. Como estes são irmãos e residem em um mesmo local, o que se pode inferir é que na relação, apesar de E7 considerar os avós como figuras parentais, a mãe talvez exerça alguma influência, já que seu estilo parental se apresenta como regular acima da média, mais adequado do que o apresentado pelos avós. Quanto ao outro resultado mediano em habilidade social, de E1, os resultados parentais não acompanham, pois são de risco e abaixo da média, e infere-se que possivelmente esse educando acabou por se desenvolver melhor em habilidades sociais em razão de possíveis influências externas, já que “O desenvolvimento das habilidades sociais ocorre primeiramente nas relações interpessoais, principalmente com a família e o grupo de pares.” (ARÓN; MILICIC, 1994 apud PACHECO; TEIXEIRA; GOMES, 1999). “Havendo falhas neste desenvolvimento, as habilidades podem ser aprendidas fora do ambiente natural em programas específicos de treinamento.” (CABALLO, 1993, HIDALGO; ABARCA, 1994, RIMM; MASTERS, 1983, ROJAS, 1995 apud PACHECO; TEIXEIRA; GOMES, 1999).

Ainda que E1 não tenha histórico de treinamento específico em habilidades sociais, outros ambientes, como a escola, podem ter contribuído para seu melhor desenvolvimento, pois, como destacam os autores, apesar de ser a família a primeira das relações interpessoais das crianças e, assim, a primeira fonte de aprendizado de habilidades sociais, ela não se configura como única.

Os demais resultados de habilidades sociais encontram-se abaixo da média; em E2, E3 e E4 se percebem estilos parentais regulares, um abaixo e outro acima da média. Logo, infere-se que os estilos parentais regulares, mesmo que acima da média, não se correlacionam de maneira positiva quanto ao auxílio na aquisição das habilidades sociais.

Entre os educandos E5 e E6, chama atenção o fato de ambos serem irmãos e haver discrepância nos resultados em estilo parental, sobretudo materno, sendo para um de risco e para outro ótimo, mas também no paterno, sendo regular abaixo da média e regular acima da média. Sampaio e Vieira (2010) realizaram pesquisa com o intuito de verificar a influência de gênero e ordem de nascimento sobre as práticas educativas parentais. Salienta-se que ambos são meninos e que E5 é mais velho que E6. Os dados apresentados na pesquisa citada revelaram haver uma tendência de percepção de que os pais (homens) diferem suas práticas educativas de acordo com o gênero e a ordem de nascimento dos filhos. A avaliação das mães não apresentou diferenças entre os grupos de forma tão frequente como a dos pais, e os índices de estilos parentais delas foram mais altos. Apesar de o resultado não ser de todo consonante, corrobora quanto à divergência no resultado paterno e quanto a ser mais alto o resultado materno, no entanto, nesse caso, somente para um dos filhos.

4 CONCLUSÃO

A partir deste estudo faz-se possível concluir que o desenvolvimento de habilidades sociais pode ter influência do estilo parental adotado pelos pais, todavia, ao longo do seu desenvolvimento, outros referenciais surgem na vida da criança, incluindo professores, amigos e outras figuras de referência para ela que podem contribuir para o desenvolvimento de um repertório diferenciado daquele aprendido no âmbito familiar.

Tal constatação explica os resultados medianos dos educandos, apesar do comportamento de risco de um dos genitores.

No entanto, destacam-se os resultados abaixo da média da maioria dos educandos quanto ao seu repertório de habilidades sociais, o que sugere a necessidade de treinamento de habilidades sociais, sendo o programa Campeões da Vida uma boa ferramenta de abordagem da temática, já que na sua proposta de educação pelo esporte, abre uma variedade de possibilidades de subtemas para serem trabalhados com a prática esportiva, em que é possível desenvolver nos educandos um comportamento mais assertivo diante das demandas a que são expostos.

Analisando os resultados quanto ao estilo parental, também se destaca a necessidade de treinamento da população estudada, visto que o ideal seria a participação em grupos de intervenção, mas também indicação de leitura, ou mesmo orientação, que podem ser abordadas em reuniões de pais ou em visitas, a fim de orientá-los quanto à melhor forma de agir para o aprimoramento de suas práticas parentais.

REFERÊNCIAS

- BOCK, A. M. M.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva: 2008.
- BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M.; FREIRIA, L. R. B. Indicativos de problemas de comportamento e de habilidades sociais em crianças: um estudo longitudinal. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722010000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 jul. 2015.
- BANDEIRA, M. et al. Comportamentos problemáticos em estudantes do ensino fundamental: características da ocorrência e relação com habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem. **Estud. psicol.**, Natal, v. 11, n. 2, ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 jul. 2015.
- CABALLO, V. E. **Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais**. São Paulo: Santos, 2012.
- CRUZ, D. R. da; SEHNEM, S. B. **Avaliação do Repertório de Habilidades Sociais de Crianças em um Programa de Educação pelo Esporte**. Joaçaba: Ed. Unoesc, 2013. Disponível em: <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/pp_ae/article/view/8552>. Acesso em: 04 jul. 2016.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Sistema Multimídia de Habilidades Sociais de Crianças: SMHSC-Del-Prette manual**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMIDE, P. I. C. Estilos Parentais e comportamento anti-social. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (Org.). **Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem: Questões Conceituais, Avaliação e Intervenção**. Campinas: Alínea, 2003. Cap. 1, p. 21-60.

GOMIDE, P. I. C. **Inventário de Estilos Parentais: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação**. Petrópolis: Vozes, 2006.

GONÇALVES, E. S.; MURTA, S. G. Avaliação dos efeitos de uma modalidade de treinamento de habilidades sociais para crianças. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 jul. 2015.

OLIVEIRA, E. A. de et al. Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 1-11, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 jun. 2015.

OSORIO, L. C. **Casais e famílias: uma visão contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PACHECO, J. T. B.; TEIXEIRA, M. A. P.; GOMES, W. B. Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, DF, v. 15, n. 2, p. 117-126, ago. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37721999000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 jun. 2015.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

SAMPAIO, I. T. A.; VIEIRA, M. L. A influência do gênero e ordem de nascimento sobre as práticas educativas parentais. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 198-207, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722010000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 jul. 2016.

WEBER, L. N. D.; BRANDENBURG, O. J.; VIEZZER, A. P. A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. **Psico-USF**, Itatiba v. 8, n. 1, p. 71-79, jun. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712003000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 jun. 2015.